

CIÊNCIA E POLÍTICA COMO VOCAÇÕES

“a Reação se insinua por todo canto dos domínios da inteligência, e em um trabalho monumental de obstrução, breca em todas as curvas a expansão do progresso humano e da inteligência livre” **Florestan Fernandes**¹

“A ciência no Brasil é bancada pelos pais”. Essa foi a manchete estampada pela Revista Galileu há cerca de um ano atrás. Elucidativa sobre uma questão que tratamos nos dois últimos editoriais – e anterior até mesmo ao golpe de Estado –, a manchete nos retorna mais do que nunca com o agravamento institucional da produção científica no país. E desta vez não foram poucas as denúncias. Programas de televisão falam em “decadência”, matérias de jornais em “êxodo de cérebros”, intelectuais chamam de “economia burra”. Não nos faltam adjetivos para tratar novamente dos cortes de gastos públicos com pesquisas nas universidades. Nos espanta, como futuros cientistas sociais, que o discurso que supostamente justifica toda essa austeridade é baseado na ideia de “progresso”, estritamente econômico, que possivelmente nos levará a salvação como nação e nos fará colher frutos no futuro. Como espaço de contra argumentação, este corpo editorial prefere pensar como Karl Mannheim e Florestan Fernandes, que enxergavam o desenvolvimento da pesquisa científica como fundamental para o ordenamento verdadeiramente racional e democrático de todas as esferas da vida social.

Neste cenário, insistir no tema não só diz respeito a uma crítica do enfraquecimento do campo científico, mas também do retorno abrupto de antigas assimetrias, reforçadas agora pelo sucateamento das instituições públicas e dos programas sociais. Mais do que nunca aparece para nós a necessidade de sair em efusiva defesa da pesquisa científica, e em nosso caso particular, das Ciências Sociais. Desde seu processo de institucionalização no país entre as décadas de 30 e 40 do século passado, até sua posterior expansão, jamais presenciamos tamanho retrocesso. Nem mesmo em um período de autoritarismo desvelado, onde o “êxodo de cérebros” se deu pela força da repressão armada. Ter uma ciência “bancada pelos pais”, como indica a manchete supracitada, só revela o caráter elitista que orienta em última instância o processo de congelamento de gastos em curso no Brasil. Diante disso, estamos munidos de argumentos rigorosos que apontam sobre quais camadas da população recairão as consequências diretas do suposto caminho para o “progresso”.

¹ Trecho retirado de GARCIA, Sylvia Gemignani. Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo: Ed. 34, 2002.

Assim, a Revista *Habitus* torna pública sua primeira edição de 2017. Como revista para estudantes de graduação, nos vemos cada dia mais na obrigação de lutar por espaços de publicação como esse, que resiste aos argumentos daqueles que implicitamente, ou explicitamente, trabalham pela concentração do conhecimento nas mãos de poucos. Não à toa, não deixaremos de manifestar apoio e felicidade pela recente aprovação das cotas raciais na Universidade de São Paulo, uma das últimas a aderir às ações afirmativas. Dentro de uma conjuntura política instável, onde somos surpreendidos semana após semana com propostas de emendas constitucionais impopulares, uma medida como essa nos faz ter esperança de que futuramente ciência e universidade pública possam estar enraizadas na esfera pública brasileira, como meio de respostas firmes à concepções reacionárias de agenciamento político e econômico.

Além do mais, entendemos que o incentivo à publicação científica entre estudantes de graduação fortalece o processo de ampliação democrática da produção de conhecimento no interior do campo científico. A abertura de espaços para estudantes em congressos e encontros anuais de profissionais da área pode contribuir substancialmente para o intercâmbio de ideias acerca de possíveis saídas políticas para a crise institucional em que vivemos. Se no início das Ciências Sociais no Brasil, a luta era pela consolidação de uma linguagem científica que pudesse responder aos problemas sociais imediatamente identificados na formação da sociedade brasileira, vemos agora a possibilidade de instrumentalizar pesquisa e produção para o fomento de um debate público racionalizado, consciente da necessidade de reorientar o curso do “progresso” imposto pelas elites estacionárias. O desenvolvimento do pensamento crítico em todos os setores da vida social, é, para nós, o que pode nos diferenciar daqueles que herdaram das regalias de nosso passado obscuro.

Vamos à edição de 2017.1. Nesta contamos com oito artigos, uma resenha e uma entrevista.

No artigo “**Megaeventos como plataforma de promoção do Rio de Janeiro no âmbito global**”, Julia Mariano Zordan, Amanda Alcantara de Melo e Marianna Golçalves Abreu analisam como os Megaeventos mundiais fizeram do Rio de Janeiro um pretendente à condição de “cidade global” e colaboraram para um “ajuste espacial” da cidade, uma vez que esses fluxos impulsionados pela Globalização seriam uma consequência recorrente no capitalismo.

No artigo “**Ecologia Política de uma Antropologia Simétrica: pensando a democracia pela cosmopolítica**”, Rafael Damasceno propõe-se a discutir o político. Lançando mão de conceitos latourianos, pretende analisar a ecologia política na conjuntura moderna a fim de acessar uma reflexão sobre a democracia em face ao ontológico. O autor encaminha como pano de fundo para essa discussão a antropologia da ciência, bem como a etnologia amazônica e oferece-nos, neste artigo, novas formas de pensar o coletivo cosmopolítico.

Em “**Uma capital e muitos interiores: os perfis do sistema de ensino superior**” Filipe Peixoto analisa a recente expansão e interiorização do ensino superior no Brasil, propondo um olhar mais crítico a categoria de interior ao tratar de um panorama mais extenso que um contraponto entre interior e capital e mapeando desigualdades regionais. O autor procura contribuir de forma

importante para o entendimento da desconcentração geográfica do ensino superior no Brasil, utilizando, de forma mais específica, de uma comparação do perfil das universidades dos estados de São Paulo e Bahia.

Em **“Condição periférica: A internacionalização da sociologia brasileira e seus desafios”** Edmar Filho nos brinda com uma discussão empírica e ao mesmo tempo normativa acerca do atual quadro de produção da Sociologia, mostrando os prós e contras, assim como os desafios no cenário nacional e internacional.

Carlos Raphael Oliveira do Rego et al. em **“O espetáculo da democracia e da indústria cultural: Uma análise do refinamento da reprodução ideológica do capitalismo”** revisitam a discussão teórica da indústria cultural, seus efeitos e particularidades no capitalismo mediante os aparelhos ideológicos deste sistema, em um artigo que muito nos ajuda a ler a atual crise social, econômica e política a qual nosso país passa.

Hugo Carvalho, em seu ensaio **“Trazendo o sabão de volta à vida: Discutindo natureza/cultura e substância/objeto à luz das ideias de Tim Ingold”**, propõe uma discussão de matriz conceitual, investigando os pormenores de um dos mais relevantes antropólogos contemporâneos, Tim Ingold; se valendo de seu arcabouço para analisar questões do cotidiano que passam muitas vezes por despercebidas, mas que, no entanto, se mostram também muito frutíferas para insights desta linha de pesquisa antropológica.

No artigo **“Expansão e estratificação do ensino superior brasileiro: as experiências e condições de acesso e permanência dos estudantes cotistas na UFABC e Unifesp, em São Paulo”**, Pedro Grunewald Louro analisa o padrão de estratificação horizontal nas universidades brasileiras a partir das políticas de acesso dos últimos anos. O autor apresenta o resultado de uma pesquisa sobre as trajetórias sociais de 12 estudantes que ingressaram após a chamada Lei de Cotas, tendo como base a UFABC e a Unifesp, ambas localizadas em São Paulo.

Encerrando a lista de artigos, Dejesus de Souza Silva e Rafael Junio Xavier em **“Enraizamento da violência no Brasil contemporâneo: somos mesmo cordiais?”** debatem a questão da violência no país por meio de um dos ideais brasileiros mais difundidos pelo pensamento social: a cordialidade. Nesta esteira, os autores discutem o mito da “passividade” e “hospitalidade” do brasileiro contrapondo com os altos índices de violência e criminalidade presentes em nossa sociedade.

A resenha desta edição, elaborada por Clara Fortes Brandão, é do livro **“A Flecha do Ciúme: o parentesco e seu avesso segundo os Aweti do Alto Xingu”** da antropóloga Marina Vanzolini. Nele a autora apresenta uma etnografia sobre a feitiçaria e seus efeitos com o parentesco no sistema multilíngue xinguano, sob a perspectiva de um dos povos que o integram, os Aweti.

A entrevista dessa vez é com o professor da Universidad de Salamanca **Jesús Rivera Navarro**, realizada e traduzida por Lídia Cordeiro Campos. Nela o sociólogo propõe um olhar mais sensível das Ciências Sociais para a Sociologia da saúde, área em que se especializou. Atualmente pesquisando desigualdades na saúde, Navarro também nos conta sobre as condições da produção científica na Espanha, a relação entre teoria e aplicabilidade do conhecimento científico e a questão do envelhecimento populacional em países como o Brasil.

Por fim o Comitê Editorial da Revista Habitus gostaria de agradecer a todos que contribuíram com a nossa nova edição. Em especial aos pareceristas que dedicaram tempo e esforço para garantir a qualidade dos artigos e seu padrão de rigor científico: Regimeire Oliveira Maciel, Jocélio Teles dos Santos, Altair Reis, Claudia Wolff Swatowiski, Daniel Belik, Weligton Rodrigues da Paz, Maurício Hoelz, Marcio Abreu, Ana Carneiro Cerqueira, Patrícia Olsen de Souza, Lucas Carvalho, Hustana Maria Vargas, Luis Flávio Reis Godinho, José Carlos Martines Belieiro Junior, Suzane de Alencar Vieira, Edson Miagusko, Orlando Santos Junior e Ewerthon Clauber.

Boa leitura!

COMITÊ EDITORIAL REVISTA HABITUS | IFCS – UFRJ